

SÃO PAULO: DA VILA QUINHENTISTA À METRÓPOLE REGIONAL

AROLDO DE AZEVEDO

*Conferência pronunciada no dia 13 de setembro de 1961,
no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, sob os
auspícios da Secretaria de Educação e Cultura da Municipa-
lidade.*

Ao findar a década de 1930 e após haver permanecido no Estado de São Paulo poucos mas dinâmicos meses, escreveu o Prof. PIERRE DEFFONTAINES estas palavras expressivas:

“A fortuna da Capital Paulista é devida, não tanto a causas geográficas, mas a um passado histórico, orientado por atos de vontade do homem. São Paulo pertence, por excelência, à família das *ciudades de energia*” (1)

A opinião desse grande mestre da Geografia francesa veio juntar-se, três anos depois, a de um não menos abalizado geógrafo, norte-americano, o prof. PRESTON JAMES:

“Em pouco mais de 50 anos, São Paulo transformou-se de uma pequena cidade brasileira numa grande metrópole que, em grau cada vez maior, apresenta tôdas as características, as boas e as más, de seus protótipos norte-americanos” (2).

Não poderíamos encontrar melhor definição para a cidade trilionária, que hoje se coloca na vanguarda de suas irmãs brasileiras, terceira entre as mais populosas da América Latina, segunda dentro do hemisfério sul.

Cidade de energia, encastelada à borda de um planalto e não longe das escarpas de uma serra, que os primeiros povoadores e missionários venciam em quatro penosos dias, por um caminho cheio

(1) DEFFONTAINES, Pierre — *Geografia Humana do Brasil*, Revista Brasileira de Geografia, I, n.º 2, p. 46, Rio de Janeiro, abril de 1939.

(2) JAMES, Preston E. — *Latin America*, Lothrop, Lee and Shepard Co., p. 494, Nova York, 1942.

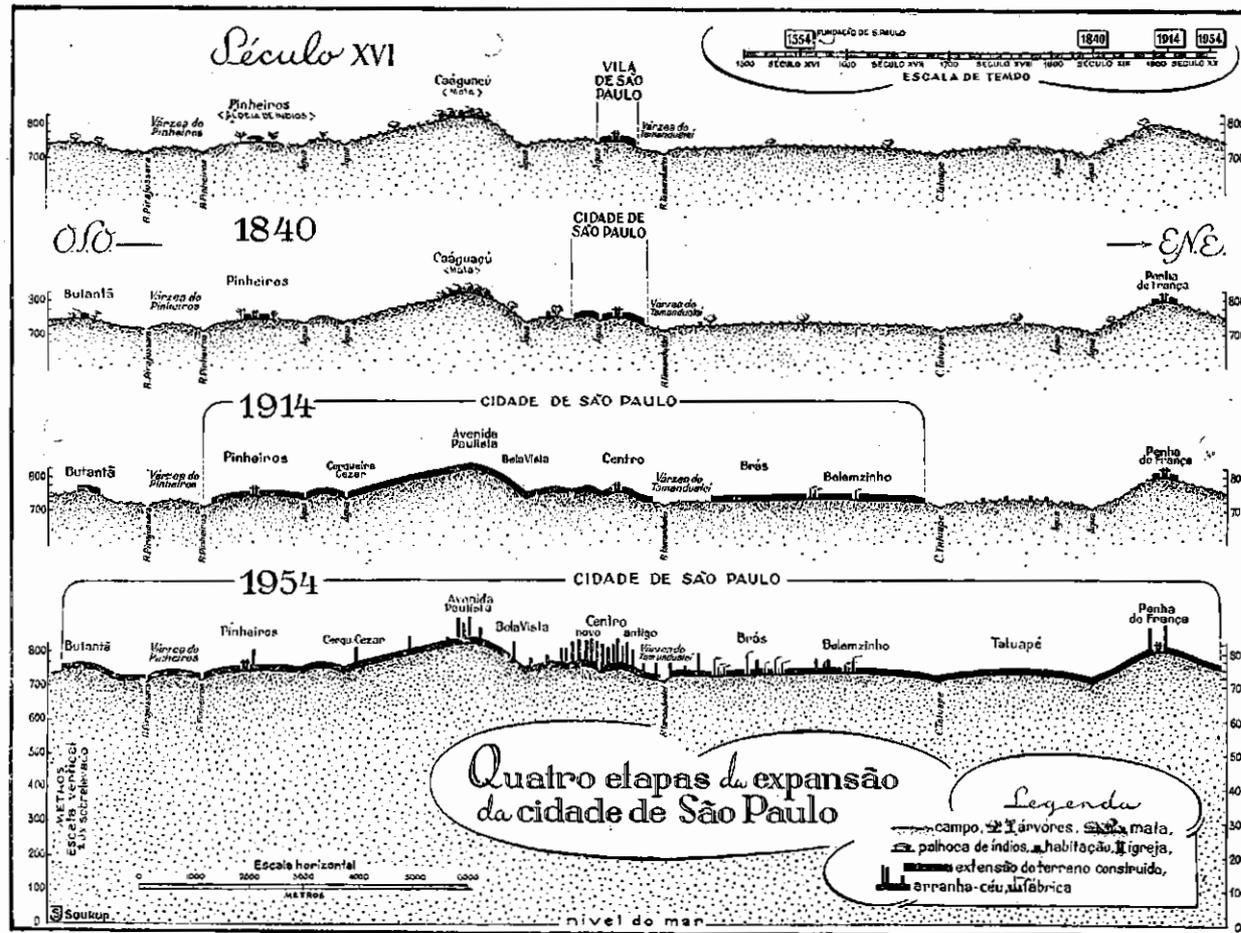
de manguesais e de “serras altíssimas”, atravessado por “caudais de água frigidíssima”, agarrando-se às pedras para não cair nos despenhadeiros, o pior caminho do Mundo, no dizer dos cronistas da época. Nascida à sombra de uma rústica casinha de pau-a-pique barreado e por entre curumins semi-nús, colocada em posição estratégica na crista de uma colina, a dominar a várzea inundável e a espreitar o índio hostil, que por vèzes a assediou e quase a destruiu. No interior de uma bacia sedimentar, circundada por imponentes florestas tropicais que se erguiam no Planalto Cristalino, e repleta de elegantes colinas, que o Tietê e o Pinheiros modelaram com esmero; colinas revestidas de “campos aprazíveis”, pelos primeiros habitantes comparados aos do Paraíso terrestre — “campos elísios” (3), que escondiam, por debaixo de sua relva sempre verde, “uma das piores regiões quanto à fertilidade do solo” (4). Cidade que, por sua singular situação geográfica, não longe da barreira serrana que olha o Atlântico, assiste à rápida mudança do tipo de tempo que todo paulistano bem conhece, ora castigada pelas massas de ar frio trazidas pelo Vento Sul, ora varrida pelas massas de ar quente, sufocante e desagradável do Vento Noroeste. Cidade de energia que, por não ter em vasta área do planalto onde se instalou nenhuma riqueza agrícola ou mineral capaz de lhe propiciar anos de progresso e de esplendor, semelhantes aos vividos pelo Nordeste açucareiro, viu seus filhos mais fortes e mais valorosos partirem em busca de índios e, depois, do ouro e das pedras preciosas. Rasgaram êles, é bem verdade, horizontes novos para a Pátria nascente, assegurando para Portugal a posse do Planalto Meridional, das montanhas de Minas Gerais e dos mais afastados rincões do Planalto Central; mas deixaram, atrás de si, um aglomerado urbano de velhos, mulheres e crianças, uma cidade “formosa, mas sem dote” (5), tão modesta e tão pobre, que necessitou de mais de três séculos para surgir, com destaque, no panorama urbano do Brasil.

Foi essa energia, retemperada durante 300 anos de sofrimentos e de obscuridade, que eclodiu sob novas formas, depois que os cafezais espraiaram-se pelo Planalto Paulista, acompanhados de perto pelos trilhos das vias-férreas e regados pelo suor do escravo africano, como do imigrante italiano. E a cidade de São Paulo passou a acumular riquezas ou a aplicá-las em melhoramentos urbanos, transformando radicalmente sua fisionomia. Viu crescer sua população, que passou a dar saltos a cada recenseamento, deixando

(3) SAINT-HILAIRE, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo*, p. 161, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

(4) DEFFONTAINES, Pierre — *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*, Geografia, J, n.º 2, pág. 145, São Paulo, 1945.

(5) Expressão atribuída a Gomes Freire de Andrade, ao visitar São Paulo em 1737, cf. MONSENHOR PIZARRO, *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, vol. VIII, tomo 1.º, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1948.



Expansão linear da cidade de São Paulo, em quatro séculos.

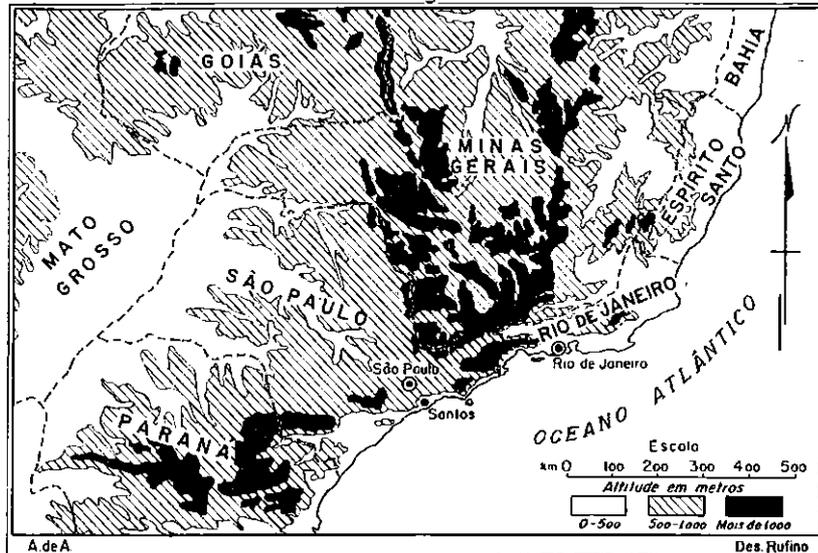
(De "A Cidade de São Paulo", vol. I, 1958)

para trás os velhos centros urbanos que o país habituara-se a vêr na vanguarda, até atingir o primeiro posto, na década de 1950. Libertou-se dos limites acanhados da colina histórica, onde se enclausurara por três séculos, esparramando-se desmesuradamente através da várzea do Tamanduateí e da colina de tópo aplainado da vertente esquerda do Anhangabaú, de onde alcançou as encostas da Serra da Cantareira, desde Guarulhos até a região de Piratuba, como o espigão da Avenida Paulista, assenhoreando-se do vale do rio Pinheiros, desde a Lapa até a região de Santo Amaro. A princípio através de tentáculos, hoje por meio de círculos concêntricos, cujos diâmetros máximos já chegaram a 20 km da Praça da Sé; transformando em bairros o que, há menos de cem anos, não passava de subúrbios afastados; multiplicando indefinidamente sua área suburbana, cujos limites estendem-se da região de Osasco às divisas de Mogí das Cruzes, das escarpas da Cantareira aos municípios do A.B.C., no rumo de Santos, englobando, até mesmo, as áreas predominantemente rurais de Cotia e de Itapeverica da Serra — São Paulo veio a tornar-se o maior parque industrial do país. Cresceu à maneira americana, apresentando, realmente, tôdas as características, boas e más, de seus protótipos da Norte América. E o binômio São Paulo-Santos passou a comandar, cultural e economicamente, uma das mais vastas, mais povoadas e mais ricas áreas do país, que se estende desde os limites meridionais do Pantanal matogrossense até o vale superior do rio Grande e as águas do Atlântico, como desde o vale médio do rio Paranaíba até o vale médio do rio Ivaí. O humilde núcleo de catequese, que os Jesuítas criaram em meados do século XVI, transformara-se, como por milagre, em poderosa metrópole regional.

* * *

É, exatamente, êsse “milagre” realizado pela energia da gente paulista que vai constituir o objeto desta palestra. Tema fascinante pela própria natureza do assunto, capaz de empolgar o mais frio dos geógrafos. Tarefa fácil, depois que a ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, por 16 membros de sua Seção Regional de São Paulo, elaborou a obra *A Cidade de São Paulo — Estudos de geografia urbana*, em quatro alentados volumes, que a Companhia Editora Nacional houve por bem incluir em sua coleção “Brasileira”, série Grande Formato (São Paulo, 1958).

Neste momento, quando me vejo obrigado a aproveitar uma parcela significativa dessa obra, por um imperativo decorrente de sua própria profundidade, não posso deixar de prestar minha homenagem à competência, à honestidade científica e, em especial, ao



São Paulo, metrópole do Planalto.

O mapa mostra a situação geográfica da Capital paulista, assentada no Planalto, e toda a área até onde chega sua influência, fora das fronteiras do Estado de São Paulo: o Sul de Minas Gerais, o Triângulo Mineiro, o Sul de Goiás, o Sul de Mato Grosso e o Norte do Paraná.

invulgar desprendimento dos prezados companheiros que conseguiram realizá-la sem o menor amparo financeiro de quem quer que fosse e através de sacrifícios incomuns, imbuídos de entranhado amor à Cultura e no desejo de servir à cidade, ao Estado e ao país. Nem mesmo os direitos autorais lhes pertencem, já que, num gesto que mais os dignifica, espontaneamente cederam todos os proventos resultantes da venda da obra à Associação dos Geógrafos Brasileiros. Merecem eles o respeito e a gratidão, quando mais não seja, dos habitantes desta cidade trimilionária.

I. A VILA QUINHENTISTA

Nos Campos de Piratininga, por entre as colinas e os esporões argilosos que se alteiam acima do nível das várzeas, ao escolher o local para nele elevar-se o que viria a ser o Colégio de São Paulo, deram preferência os padres da Companhia de Jesus a uma das mais

estreitas e escarpadas elevações, que, como ponta de lança, erguia-se na confluência do Tamanduateí e do Anhangabaú, a cerca de 25 metros acima da planície fluvial circunjacente. Dali se dominava um horizonte relativamente amplo, que abrangia a várzea do Tamanduateí e do Tietê, além de alcançar as colinas da Freguezia de Ó, para Noroeste, e da Penha, no rumo do Nascente, tendo como pano de fundo as escarpas recobertas de matas da Serra da Cantareira. Bem a seu pé, para os lados do Poente, o estreito vale do Anhangabaú não tinha segredos para o observador atilado.

Difícilmente, outro sítio poderia oferecer melhores condições de defesa, numa época em que havia fundadas razões para temer um ataque de surpresa da parte dos indígenas hostís e levando-se em conta os recursos bélicos dos prováveis agressores. Somente vulnerável restava o lado Sul da colina escolhida, que se ampliava, recortado por vales secundários, na direção do Caminho do Mar. Para estas bandas, porém, os perigos eram menores, constituindo, bem ao contrário, a retaguarda garantida que, em caso de emergência, serviria para receber reforços ou para uma retirada salvadora até o litoral atlântico, onde Santos e São Vicente representavam sólidas bases do povoamento luso que se iniciava.

Além disso, o clima do Planalto Paulistano constituía motivo de atração, se comparado com o reinante na Baixada santista-vicentina. BALTAZAR FERNANDES considerou a região "terra como essa do Reino, fria e temperada" (6). Frei VICENTE DO SALVADOR classificou-a como "terra muito sadia", com "ares frios e temperados, como os de Espanha" (7). SIMÃO DE VASCONCELOS chegou a afirmar que os campos de Piratininga mereciam o "nome de Elísios, ou bem afortunados", pois "partiu com êles a natureza do melhor do Mundo" (8). E FERNÃO CARDIM observou que se tratava de uma região "muito saudável, aonde vivem os homens muito, máxime os velhos" (9).

Não era só. Lá estava, majestoso e tranqüilo, descrevendo meandros caprichosos, o rio Tietê, que as águas de inúmeros tributários engrossavam. É bem verdade que suas enchentes periódicas criavam problemas ao findar o Verão, pois atingiam o sopé da colina altaneira, através da várzea do Tamanduateí, dificultando as comunicações para as bandas do Norte, de Oeste e de Leste; em contrapartida, porém, favoreciam as condições de segurança e de defesa do aldeamento dos missionários. Em situações normais, essa abundante rede potamográfica passou a ser utilizada pelos Je-

(6) Cf. TAUNAY, Afonso d'E. — *Non ducor, duco*, p. 3, São Paulo, 1924.

(7) Cf. TAUNAY, obra cit., p. 9.

(8) VASCONCELOS, Simão de — *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, I, 1, n.º 149, J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865.

(9) CARDIM, Fernão — *Informação da Província do Brasil para Nosso Padre*.

suitas em suas peregrinações catequéticas, tão logo vieram a surgir novos aldeamentos; e através dela puderam circular, vagarosa mas tranquilamente, até Guarulhos, São Miguel e Itaquaquetuba, para os lados do Nascente, como ainda até Pinheiros e Ibirapuera, quando não Carapicuíba, Embú e Itapecerica, no quadrante de Sudoeste. Assim nasceu o *Pôrto Geral*, ao pé da colina e onde termina a ladeira que até hoje lhe guarda o nome, entreposto movimentado dos que, com o tempo, acabaram por afazendar-se nas redondezas e passaram a abastecer o aglomerado nascente com os produtos de suas lavouras. E, como se tudo isso não bastasse, forneciam tais cursos d'água fácil e abundante pescado, muitas vezes apanhado "sem muito trabalho entre as ervas da várzea inundada do Tamandateí", conforme testemunhou o próprio ANCHIETA (10).

Cumpra acrescentar que, pelo menos à primeira vista ou considerando as reduzidas necessidades do burgo em formação, a terra escolhida não poderia ser melhor quanto às possibilidades agropecuárias. NÓBREGA considerou-a excelente "para a criação do gado e todo gênero de cultivos" (11), ao mesmo tempo que ANCHIETA foi pródigo nos mais rasgados elogios:

"... é terra de grandes campos, fertilíssima de muitos pastos e gados, de bois, porcos, cavalos, etc., e abastada de muitos mantimentos. Nelas se dão uvas e fazem vinho, marmelos em grande quantidade e se fazem muitas marmeladas, romãs e outras árvores de fruto da terra de Portugal. Idem, se dão rosas, cravinas e lírios brancos" (12).

A tôdas essas circunstâncias favoráveis, criadas pela natureza, aliavam-se outras não menos importantes, embora de mais fácil reconhecimento: a relativa proximidade dos núcleos de povoamento plantados na orla do mar, em terras de Serra Abaixo, de onde não apenas vinham os recursos essenciais para a sobrevivência do aglomerado em embrião, mas através dos quais eram mantidos os raros mas indispensáveis contatos com a Metrópole de além-mar; e, particularmente, a indiada amiga do cacique Tibirecá e seus aliados, em relação aos quais fazia-se sentir a poderosa influência do patriarca João Ramalho.

Por conseguinte, não foi por mero acaso que o humilde núcleo de catequese firmou-se como povoado, tornou-se vila e, bem mais

(10) Cf. PEREIRA, Batista — *A Cidade de Anchieta*, Revista do Arquivo Municipal, n.º XXIII, p. 66.

(11) Cf. LEITE, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, p. 269, Lisboa, 1938.

(12) ANCHIETA, José de — *Cartas (1554-1594)*, pp. 423-424, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1933.

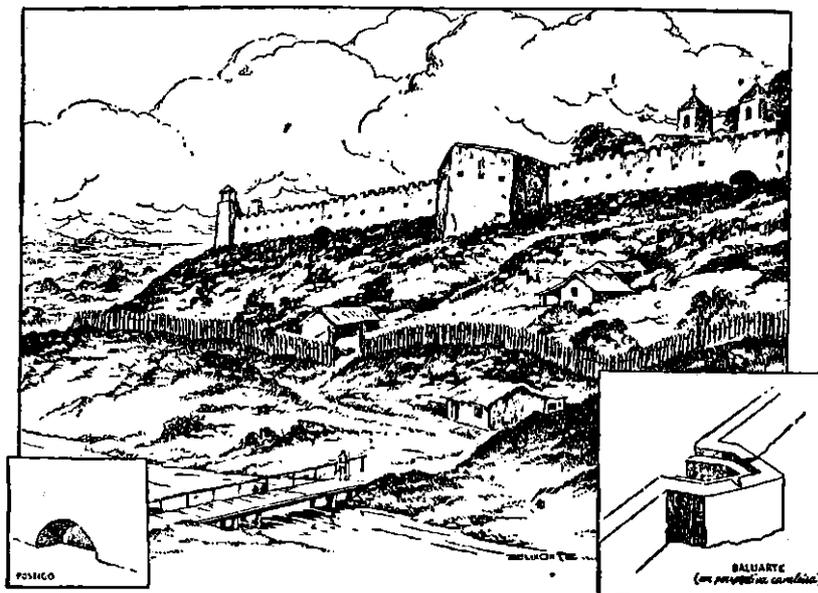
tarde, adquiriu foros de cidade. Possuía bases geográficas, que “atos de vontade do homem” e, sobretudo, uma energia indomável souberam bem aproveitar.

Nasceu como centro missionário, a 25 de janeiro de 1554, abençoada pelo santo sacrifício da missa, que o Padre Manuel de Paiva celebrou junto ao atual Pátio do Colégio, no interior de “paupérrima e estreitíssima casinha” — são palavras de ANCHIETA, de pau-a-pique barreado, medindo 9 metros de comprimento por 6 metros e meio de largura e que passou a servir, simultaneamente, de escola, dormitório, refeitório, enfermaria, cozinha, despensa. Somente dois anos tarde foi que se ergueu, ao lado dessa modestíssima habitação, uma capelinha rústica, que, por algum tempo, representou o único templo católico em tôda a vastidão do Planalto Brasileiro.

A extinção da vila de Santo André da Borda do Campo, criada em 1553, e a conseqüente transferência de seus moradores para as vizinhanças do Colégio, ordenadas por Mem de Sá em 1560, significaram substancial fortalecimento daquele embrião urbano. Mais que isto: transformaram-no na *Vila de São Paulo de Piratininga* (1560), decidindo, para sempre, seus destinos futuros. À simples função *religiosa e escolar* vinha acrescentar-se, decorridos apenas seis anos, a função *político-administrativa*. Surgia a organização jurídica, que viria consolidar o organismo urbano em formação e regularizar a vida social de seus habitantes.

Muito duros foram os primeiros 40 anos da vila planaltina, colocada como sentinela à bôca do sertão desconhecido, primeiro marco da civilização européia plantado longe do mar, no altiplano brasileiro, ao contrário do que até então vinha sucedendo noutras áreas da América Portuguesa.

Debalde os Jesuitas haviam tentado captar a confiança e pacificar as tribos indígenas do Planalto Paulistano e das regiões da Marinha. Em 1562, a vila viu-se cercada pelas hostes aguerridas dos Guaianá, Carijó e Tamoio coligados, por pouco não baqueando esmagada pela força da barbárie. Sem falar em ameaças ou incursões esporádicas, decorridos 21 anos reboou, de novo, o grito de guerra por sôbre as várzeas e colinas paulistanas. Fácil será imaginar, por isso mesmo, que, às funções urbanas atrás mencionadas, uma outra viesse se juntar, permanecendo pelo restante do século XVI, pelo menos: a função *militar*, de caráter puramente defensivo. Na certeza de que não bastava para sua segurança aquela espécie de modesta Acrópole em que se encastelara, num sábio aproveitamento das condições naturais, tratou a vila, desde seus primórdios, de se fortificar à maneira da época e de acôrdo com os poucos recursos de que se dispunha. Em tôrno da área colinosa em que



São Paulo, vila fortificada

Com seu caráter de acrópole, a dominar a várzea do Tamanduatei do alto de uma colina, a vila quinhentista transformou-se em verdadeira cidadela, para defender-se dos ataques da índia hostil (Desenho de BELMONTÉ).

hoje se assenta o "Triângulo" paulistano, ergueram-se cêrcas de pau-a-pique, amarradas com cipó, e construíram-se muros de taipa de pilão, com umas poucas portas de entrada e sôbre os quais elevavam-se tôscos baluartes defensivos e guaritas para as sentinelas improvisadas. Durante algumas décadas, São Paulo foi, assim, uma *ciudadela*, que os assédios da índia enfurecida demonstraram ser inexpugnável. Completavam êsse rústico sistema de defesa, aldeamentos de índios amigos e postos fortificados espalhados em pontos estratégicos do Planalto Paulistano. A essas medidas, ditadas pela necessidade e mantidas pela energia de nossos antepassados do quinhentismo, deve-se a sobrevivência da Vila e, através dela, a presença da metrópole onde hoje vivemos.

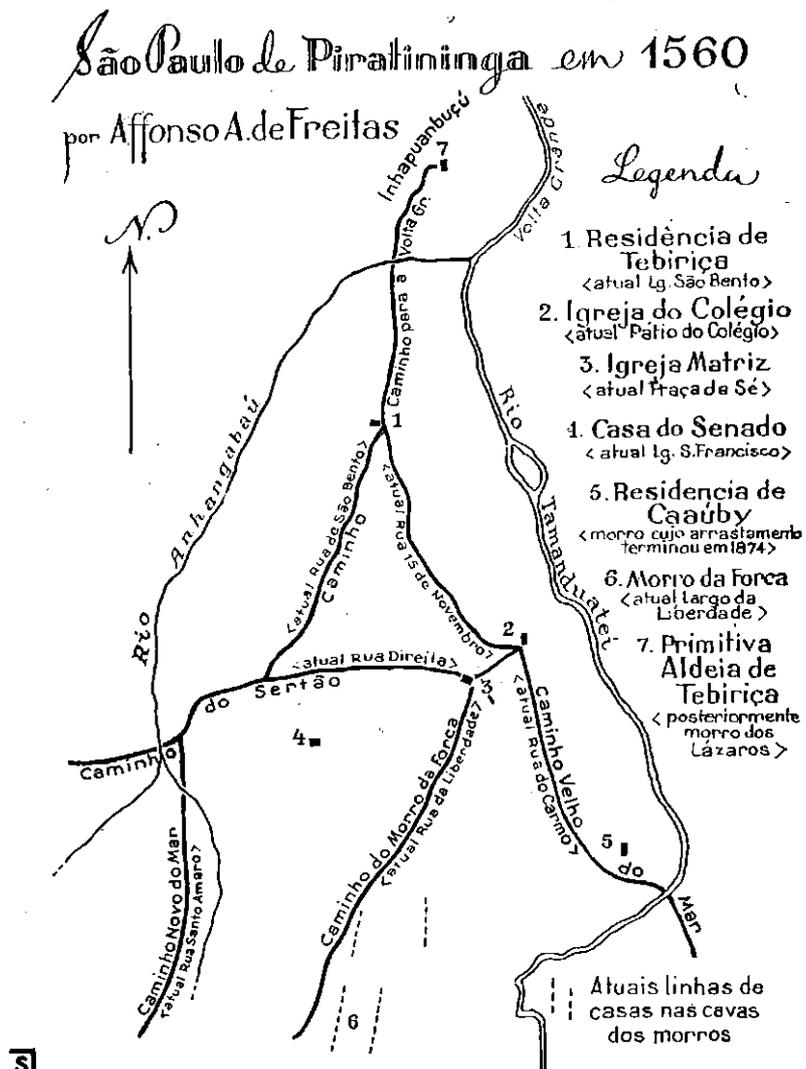
Durante cêrca de um século e meio — como observou ROBERTO SIMONSEN, "enquanto os colonos da zona do açúcar usufruíam considerável bem-estar e mantinham intenso comércio com o Reino", foram forçados os Paulistas a criar uma civilização autônoma (13),

(13) SIMONSEN, Roberto C. — *A evolução econômica de São Paulo*, Paulistânia, II, n.º 6, p. 17, São Paulo, 1940.

que se fundamentou em *atividades econômicas* até certo ponto autárquicas, reduzidas a uma precária economia de consumo, cujo excedente mal dava para alimentar acanhado comércio com as vilas litorâneas (14). Dispunham de algum gado, que os campos naturais alimentavam facilmente. Cultivavam especialmente a vinha, o trigo e o algodão, como lavouras de subsistência. Conseguiram produzir farinha de trigo para o consumo, fabricavam tecidos rústicos e chapéus de feltro, preparavam o charque; mas, antes de tudo, dedicavam-se ao fabrico da marmelada. Foi este produto de sobremesa um dos esteios da modesta exportação do burgo piratiningano, ao lado de escasso excedente da produção regional, representado por alguns mantimentos, algodão, gado e couros. Através do primitivismo de um simples escambo de mercadorias, já que o numerário praticamente não existia, recebiam utensílios, sal, vinho, armas e pólvora procedentes da Metrópole. Em tôdas essas atividades, o índio e o mameluco representaram importante papel, o que fez de São Paulo, até mesmo o século XVIII, uma cidade ameríndia, onde o tupi-guaraní chegou a ser a língua mais falada.

Foi sôbre tais bases físicas, humanas e econômicas que surgiu e se consolidou a Vila de São Paulo na segunda metade do quinhentismo. Assentou-se na trama triangular espontaneamente urdida pelos caminhos que a necessidade dos contatos humanos viera a criar. Como um dos vértices desse triângulo, existia a Igreja do Colégio, olhando do alto a várzea do Tamanduateí; dali partia o caminho irregular, correspondente à atual Rua 15 de Novembro, que ia ter ao segundo vértice, no Largo de São Bento de hoje, onde, dominando a confluência do Anhangabaú com o Tamanduateí, viveram Tibiriçá e sua gente amiga. No rumo geral de Oeste, depois de passar pela Igreja-Matriz, na atual Praça da Sé, seguia o *Caminho do Sertão*, cujo trecho inicial corresponde à Rua Direita e que atravessava o vale do Anhangabaú. Nas alturas da Praça do Patriarca, terceiro vértice do triângulo básico, iniciava-se o *Caminho para a Volta-Grande* (correspondente à atual Rua de São Bento), o qual, depois de passar pelo aldeamento de Tibireçá, rumava para o Norte, margeando o largo meandro do Tamanduateí, que lhe deu o nome. Demonstrando a importância vital que representavam as comunicações com a Baixada santista-viceentina, três caminhos distintos rumavam para o Sul: o *Caminho Velho do Mar*, atuais ruas Roberto Simonsen e do Carmo; o *Caminho do Morro da Fôrca*, atual Avenida da Liberdade; e o *Caminho Novo do Mar*, atual Rua Santo

(14) SIMONSEN, Roberto C. — *História Econômica do Brasil*, tomo I, p. 326, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937.



Velhos caminhos da Vila.

As ruas do "Triângulo" tiveram como embriões os primitivos caminhos que serviam a vila nascente (Cf. AFFONSO A. DE FREITAS).

Amaro (15). Assim era o núcleo original, a partir do qual a Vila se expandiu, conquistando palmo a palmo seu solo urbano.

Sua fisionomia denotava a modéstia da vida de seus habitantes, que durante os primeiros quinze anos só dispuzeram de casas de taipa, cobertas de sapé, porque não havia olarias; “e como poderia montar-se uma olaria” — pergunta, com razão, OTONIEL MORA — “sem que primeiro houvesse bois ou equinos para tirar a almanjarra, que faz girar os cilindros amassadores do barro?” (16). Foi apenas no decorrer do último quartel do século XVI que as primeiras casas de telhas começaram a enfeitar a paisagem da vila paulistana (17). De certo modo, podia ser comparada a uma aldeia portuguesa, constituindo sua população uma sociedade agrária, que morava no aglomerado mas trabalhava na área rural circunvizinha, a labutar nas roças e nos campos de criação. Em 1583, não formavam mais do que umas 1.500 pessoas, número que se manteve mais ou menos inalterado até o findar do século, em sua maior parte representado por mamelucos, brancos e índios, já que ínfima seria a parcela do elemento negro (18).

Todavia, na insignificância de tal cifra, escondiam-se “os rudimentos de uma Nação”, de acôrdo com as palavras de OLIVEIRA MARTINS (19), que se manifestaram, a céu aberto, durante o século, no ardor com que a gente paulistana soube defender a autonomia municipal e através da epopéia das Bandeiras.

II. A “CAPITAL” DO BANDEIRISMO

Às funções urbanas que caracterizaram o quinhentismo, acrescentou São Paulo, a partir do início do século XVII e até meados do século XVIII, a de verdadeira “capital” do *Bandeirismo*, ao vêr seus filhos partirem em demanda do Sertão, em busca de índios, a princípio, e, depois, na ânsia incontida de encontrar ouro e pedras preciosas. Movidos por imperiosos motivos de ordem econômica e exacerbados em seus sentimentos de autonomia, libertaram-se do estreito círculo em que viviam, desrespeitaram as ordens d'El-Rei e assenhorearam-se de quase metade de um continente. Tornaram-se

(15) Cf. FREITAS, Afonso A. de — *Geografia do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1906.

(16) MORA, Otoniel — *Do Rancho ao Palácio*, p. 9, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.

(17) Cf. TAUNAY, Afonso d'E. — *São Paulo nos primeiros anos*, pp. 110-111, Arrault & Cia., Tours, 1920; e MORA, Otoniel — obra cit., p. 9.

(18) Cf. FERNANDES, Florestan — *Do Escravo ao Cidadão*, Anhembi, n.º 30, pp. 441-442, São Paulo, maio de 1953.

(19) Cf. PRADO, Paulo — *Paulística*, p. 34, Editôra Monteiro Lobato, São Paulo, 1925.

os violadores de sertões e os plantadores de cidades — conforme as expressões do poeta. Realizaram aquilo que CASSIANO RICARDO classificou como um “fenômeno urbano”, já que o Bandeirismo paulista teve origem na vila ou cidade e acabou por dar nascimento a inúmeras outras cidades e vilas (20). Foram dominados pela febre do ouro, pela vertigem mineira, que deles se apoderara como uma pandemia — no dizer de PAULO PRADO (21).

Em consequência, brilhou por algum tempo, em fama e prestígio, a Vila planaltina: passou a ser a sede da Capitania de São Vicente, a partir de 1681; viu-se elevada à categoria de cidade, em 1711; transformou-se em sede de Bispado em 1745; chegou mesmo, por uns poucos anos, a tornar-se a metrópole político-administrativa de todo o vasto território hoje correspondente a sete unidades da Federação: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Mas tudo isso não passava de uma glória falsa. Como sublinhou LACERDA E ALMEIDA, escrevendo em 1790, depois de se haverem “entranhado por aqueles imensos sertões sem outra bagagem mais que a pólvora e a bala, sem outro rumo mais que o do acaso, descobrindo neles tôdas as minas de ouro e pedrarias que possuímos, e que tanto têm enriquecido aos seus posteriores”, ficaram pobres os Paulistas e seus descendentes (22). Nas ruas da cidade de São Paulo não se ergueram os ricos sobrados de dois, três e mais andares que outras cidades ou vilas, mais afortunadas, passaram a possuir; e muito menos as igrejas barrôcas, com seus altares e suas naves recobertas de ouro, a brilhar por entre a prataria dos candelabros e das alfaias. Com o que havia de melhor em sua população, pontilhou de arraiais e de vilas o Planalto até então despovoado; mas viu-se reduzida a ser simplesmente “formosa, mas sem dote”, porque muitos de seus filhos não mais retornaram, “mortos no Sertão” ou estabelecidos em paragens longínquas, ou, quando voltaram, eram espectros de homens. Sua economia agro-pastoril desorganizou-se de maneira fatal e o encarecimento das utilidades assumiu proporções nunca vistas; foi o tempo em que uma abóbora chegou a custar quatro oitavas de ouro (23). Partilharam-se as propriedades rurais, pouco produtivas e desvalorizadas, como desvalorizados ficaram os próprios prédios urbanos; foi o tempo em que se podia alugar uma casa, no Triângulo, por 80 réis mensais (24).

(20) RICARDO, Cassiano — *Marcha para Oeste*, p. 407, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1940.

(21) PRADO, Paulo — *Obra cit.*, p. 77.

(22) ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e — *Diários de Viagem (1789-1790)*, p. 100, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944.

(23) Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de — *Monções*, p. 76, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1945.

(24) Cf. TAUNAY, Afonso d'E. — *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. IV, p. 165, Tipografia Ideal, São Paulo, 1929.

Apesar de haver sofrido tamanho abalo, a cidade passou a ter uma nova função: a *comercial*, acentuada a partir de fins do século XVIII, por constituir um centro de convergência e de irradiação de caminhos. Fortaleceu-se o intercâmbio com a cidade do Rio de Janeiro; abasteceu, através das "Monções", as vilas e povoados da região mineradora de Mato Grosso; intensificaram-se os contatos comerciais com as áreas de criação do extremo Sul, de onde provinham os muares que haveriam de representar tão destacado papel, através das tropas-de-burros, ao tempo do chamado "ciclo do luar". Carros de bois e tropeiros à frente de suas tropas passaram a dar um pouco de vida e de movimento às ruas sonolentas da cidade setecentista. Novos caminhos puzeram São Paulo em contato com as áreas vizinhas — o da Tabatingüera, para Leste; o de Pinheiros, para Oeste; o do Guaré, para o Norte; e os do Ipiranga e do Ibirapuera, para o Sul (25), num rejuvenescimento das vias quinhentistas. Na direção de Santos, a *Calçada do Lorena*, lajeada desde o Alto da Serra até Cubatão, permitiu o acesso seguro dos cargueiros. A Capital dos Paulistas via cessar, assim, o isolamento a que a condenara sua situação no Planalto.

Nem por isso registrou-se qualquer alteração substancial na paisagem urbana. O velho Triângulo continuava a ser a essência da cidade. O vale do Anhangabaú permanecia desocupado; apenas, em sua vertente direita, fôra aberta uma nova rua — a de São José, atual Líbero Badaró. Para Leste, as ladeiras do Carmo e da Tabatingüera marcavam os limites da área urbana, no contato com a vazea do Tamanduateí. Para o Norte, o antigo Caminho da Volta-Grande cedera lugar ao Caminho do Guaré, embrião da atual Rua Florêncio de Abreu. Em documento de 1783, aparecem enumeradas 12 ruas principais, entrecortadas por travessas, tôdas mal ordenadas e mal calçadas (26), e muitas vêzes abrindo-se em praças, denominadas "pátios" ou "terreiros" (27). Não havia iluminação pública. E, fazendo as vêzes de Mercado, começaram a surgir na atual Rua do Tesouro as primeiras "casinhas", nome pelo qual designavam-se as rústicas quitandas, mantidas pela gente da roça e destinadas ao abastecimento alimentar.

Ao mesmo tempo que, no seiscentismo, as cidades do Salvador e do Rio de Janeiro viam sua *população* alcançar a cifra de 10 mil habitantes e a do Recife talvez houvesse atingido a 4 mil, São Paulo não teria mais do que uns 3 mil (28).

No século XVIII, pouco se alterou a situação. O censo realizado em 1765 registrou, para o termo da cidade, 3.838 habitantes,

(25) Cf. BRUNO, Ernani Silva — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, I, pp. 214-218, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.

(26) Cf. MOTA, Otoniel — *Obra cit.*, pp. 170-178.

(27) Cf. BRUNO, Ernani Silva — *Obra cit.*, I, pp. 157-161.

(28) Cf. TAUNAY, Afonso d'E. — *São Paulo no século XVI*, p. 188.

dos quais 1.516 viveriam na área urbana. O de 1777 computou, para o termo, 4.318 pessoas livres (29).

Por essa época, nada meños que dez outros centros urbanos brasileiros tinham maior população e, provavelmente, mais vida e movimento: Salvador, com 50.000; Rio de Janeiro, com 40.000, capital e sede do Vice-Reino a partir de 1763; Vila Rica, Cuiabá, São Luís do Maranhão, Belém, Recife, Olinda, São João del-Rei e Mariana (30).

Não obstante (é de justiça salientar), a modéstia da posição de São Paulo não correspondia apenas às condições particulares de sua evolução. Refletia, também, o *antiurbanismo* generalizado no Brasil de então, aquele "centrifugismo à aglomeração comunal" de que nos fala OLIVEIRA VIANA. O que caracterizava o homem colonial, em particular o paulista do Bandeirismo — na opinião do eminente sociólogo — consistia em ser amante da solidão e do deserto, rústico e antiurbano, fragueiro e dendrófilo; por isso, evitava a cidade e amava o campo e a floresta; "apesar de todos os amáveis da vida urbana e civilizada", tinha o gôsto pelo insulamento e vivia dominado pelo "complexo do sertão" (31).

Idéias idênticas foram defendidas e comprovadas por historiadores do porte de PAULO PRADO, ALCÂNTARA MACHADO, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA e ERNANI SILVA BRUNO, entre outros (32). Por isso mesmo, pode-se afirmar com segurança que, na cidade, só residiam em caráter permanente os funcionários administrativos, os comerciantes e os oficiais mecânicos. Os fazendeiros, os potentados, viviam a maior parte do ano na zona rural, onde suas casas eram mais ricas que as da Vila; escrevendo em 1751, testemunhou o CONDE DE AZAMBUJA: "a maior parte dos moradores assistem nos seus sítios" (33). A casa que possuíam na Vila era uma espécie de pouso, que servia para descansar alguns dias, enquanto liquidavam seus negócios ou, com suas famílias, assistiam a festejos religiosos ou solenidades cívicas.

Ao iniciar-se o século XIX, São Paulo conservava do Bandeirismo apenas as glórias e as cicatrizes, que justificaram o epíteto de "raça de gigantes" dado por SAINT-HILAIRE aos Paulistas (34).

(29) Cf. MILLIET, Sérgio — *Recenseamentos Antigos, em Rotivo do Café e outros ensaios*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.

(30) Cf. AZEVEDO, Aroldo de — *Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, cap. IV, Boletim n.º 208, Fac. Filosofia da U.S.P., São Paulo, 1956.

(31) VIANA, Oliveira — *Instituições Políticas Brasileiras*, I, pp. 119-165, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1949.

(32) Cf. PRADO, Paulo — *Paulística*, p. 80; MACHADO, Alcântara — *Vida e Morte do Bandeirante*, pp. 40-41, Livraria Martins, São Paulo, 1943; HOLANDA, Sérgio Buarque de — *Raízes do Brasil*, pp. 121-125, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1948; BRUNO, Ernani Silva — *Obra cit.*, vol. I.

(33) AZAMBUJA, Conde de — *Relação da Viagem que fez da Cidade de São Paulo para a Vila de Cuiabá em 1751*, em *Relatos Monçoeiros*, Livraria Martins, São Paulo, 1954.

(34) SAINT-HILAIRE, Auguste — *Obra cit.*, p. 33.

Além de centro político-administrativo, vira reforçada sua posição de *centro comercial*, abastecedor das vilas do Planalto então povoado, onde florescia a economia açucareira, que haveria de sustentar a Capitania e, depois, a Província até o advento do café e que tinha nas áreas de Jundiá, Campinas, Itú e Pôrto Feliz seus maiores centros de produção. O volume das transações, embora pequeno, acabou por exigir a instalação do “Banco de São Paulo”, representante de estabelecimento congênere sediado no Rio de Janeiro.

No primeiro quartel do oitocentismo, poucas diferenças apresentava a cidade em relação ao tempo do Bandeirismo. A várzea do Tamanduateí continuava a ser uma espécie de fronteira natural, a separá-la do aglomerado da *Penha*, cuja capela vinha ganhando fama desde os primórdios do século XVIII. No rumo Sul, a cidade terminava no *Largo da Fôrca*, atual Praça da Liberdade, de onde continuava a sair o importante Caminho do Mar (mais tarde, a Estrada do Vergueiro), e no *Largo do Piques*, atual Praça da Bandeira, de onde partia a Estrada do Mata-Fome. Para os lados do Norte, no bairro do Guaré, atual bairro da Luz, iniciava-se a construção de um Jardim Botânico e, já fóra do perímetro urbano, erguia-se o velho Convento da Luz. Em direção a Oeste, a *Ponte do Acú* limitava a área urbana, exatamente no ponto em que hoje tem início a Avenida de São João. O velho Triângulo constituía, como no passado, o “coração” da cidade.

O depoimento dos viajantes, que a visitaram por essa época, constitui valioso testemunho para a reconstituição da paisagem urbana (35). As ruas eram calçadas e limpas; as casas, em número pouco superior a 4 mil, eram construídas de taipa muito sólida, capazes de resistirem por 200 anos (no dizer de JOHN MAWE), caídas de branco, quando não amarelas e côr-de-rosa, cobertas de telhas; seu aspecto externo era alegre e donotava asseio. No Pátio do Colégio, erguia-se o *Palácio do Govêrno*, que outrora abrigara o Convento dos Jesuítas. Na atual Praça João Mendes, estava a *Câmara Municipal*, contendo, no rés-do-chão, a *Cadeia*. Velhos *conventos*, como os de São Bento, São Francisco, do Carmo e da Luz, e muitas *igrejas* (Sé, do Colégio, da Misericórdia, dos Remédios, do Rosário) completavam o quadro urbano. Dois templos marcavam o início da área suburbana: a igreja de Santa Ifigênia e a ermida de Nossa Senhora da Consolação. A atual Praça da República nada mais era do que um logradouro semi-abandonado — o chamado *Largo dos Curros*, onde se realizavam corridas de touros.

(35) Notadamente: MAWE, John — *Viagens ao Interior do Brasil* (1809-10), Zclio Valverde, Rio de Janeiro, 1944; SPIX, J. B. von, (e) MARTIUS, C.F.P. von — *Viagem pelo Brasil*, I, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938; D'ALINCOURT, Luis — *Memoira sobre a Viagem do Pôrto de Santos à Cidade de Cuiabá* (1818), Livraria Martins, São Paulo, 1953; e FLORENCE, Hércules — *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825), Melhoramentos, São Paulo, além da obra de SAINT-HILAIRE, já citada.

No t ermo da cidade, viveriam uns 20 mil habitantes, 50% dos quais seriam brancos (36). Para D'ALINCOURT, caracterizavam-se por serem "trabalhadores, espirituosos, robustos, af aveis, generosos e bastantemente polidos" (37); para H ERCULES FLORENCE, embora fossem considerados por outros brasileiros como "valentes e rancorosos", em sua opinião eram "hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros" (38). Na primeira década do século XIX, raros eram  esses estrangeiros que se aventuravam a visitar a cidade. Se acreditarmos no depoimento de JOHN MAWE, o viajante inglês causou sucesso com sua presença: as crianças, quando não fugiam, contavam seus dedos para se certificarem se correspondiam em número aos delas próprias; outras pessoas, ficaram a observ -lo, para verificar como  le comia e bebia...

Pois foi essa cidade a escolhida, simult neamente com a de Olinda, para ser a s de da primeira Academia de Direito que o Brasil conheceu. E não tardou que se transformasse numa

III. CIDADE DE ESTUDANTES

Não foi sem tropeços que se processou a escolha da Capital paulista como um dos centros jurídicos do país. Se a tranquilidade de sua vida provinciana a apontavam como local excelente para estudos d esse g nero; se o próprio clima (que tantas v zes hoje maldizemos) foi referido, por sua brandura térmica, como qualidade positiva — um argumento contrário foi defendido com certa ênfase: nela se falava um linguajar malsonante aos ouvidos da gente refinada que vivia na C rte — o *dialeto de São Paulo*, como chegou a ser chamado, provavelmente ainda repleto de formas t picas, se não diferenciado por modismos ou entoa es próprias, que talvez ainda hoje possamos constatar. SILVA LISBOA, no combate ao local sugerido, procurou demonstrar que a "a mocidade do Brasil, fazendo a  os seus estudos, contrairia pronúncia mui desagradável"... (39)

A partir de março de 1828, passou a funcionar a Academia de Direito, abrigada no casar o do Convento de São Francisco. E, com ela, lenta mas ininterruptamente, alterou-se a vida da cidade. Não tardaram a multiplicar-se as ruidosas "rep blicas" de estudantes, enchendo de escándalo a gente recatada e pudica que vivia

(36) Cf. MAWE, John — Obra cit., p. 78; CASAL, Padre Manuel Aires de — *Corografia Bras lica*, I, p. 163, Ed. Cultura, São Paulo, 1943; SAINT-HILAIRE — Obra cit., p. 170; FLORENCE, H ercules — Obra cit., p. 6.

(37) D'ALINCOURT, Luis — Obra cit., p. 35.

(38) FLORENCE, H ercules — Obra cit., p. 6.

(39) *Anéis do Parlamento Brasileiro* (Assembléia Constituinte, 1823), IV, p. 178, Tip. H. J. Pinto, Rio de Janeiro, 1879.

nos velhos sobrados paulistanos e que tanto apreciava espreitar de suas sacadas o que se passava nas ruas da cidade. Movimentaram-se as tavernas, transformadas súbitamente em locais de acaloradas discussões, de oratória inflamada, de declamações poéticas, quando não de bebedeiras e de conflitos inconseqüentes. Introduziram-se novas modas no vestuário e hábitos até então pouco difundidos, como as caçadas e a natação (40).

Muito mais importante que tudo isso, porém, foi a *função cultural* que a Capital paulista passou a representar no cenário brasileiro. Veiu a tornar-se a Academia de Direito “o maior laboratório de homens públicos do Brasil”, na frase de AURELIANO LEITE (41). Dali começaram a sair “bacharéis, magistrados, homens públicos, publicistas, advogados, burocratas, que concorreram poderosamente para aperfeiçoar, num Brasil ainda informe em sua vitalidade mestiça, aquilo que Croce denominava de *civilidade*. Brasileiros de origens diversas tornaram-se, numa modesta São Paulo de sobrados baixos e de casas de rótula — verdadeira Maria Borracheira ao lado do Rio de Janeiro e do Salvador e rivalizada apenas por Olinda em seu recato de burgo acadêmico —, bacharéis em Direito, que durante anos foram mais do que técnicos ou peritos em ciências ou artes jurídicas: agentes de *civilidade*”. São palavras de GILBERTO FREYRE (42), que lembra ainda que nela se ensinou ao Brasileiro tornar-se um *cidadão*, ao invés de simples *cortesão*, porque “São Paulo madrugou na paisagem, não só brasileira mas sul-americana, como centro de uma *civilidade* menos urbana, porém mais cívica que a irradiada das cidades-Côrtes” (43).

Dos 1.776 bacharéis formados pela Academia de São Paulo, entre 1831 e 1875, apenas 20% eram nascidos em terras paulistas; nada menos do que 33% provinham do Rio de Janeiro e 47% das mais diversas Províncias do Império.

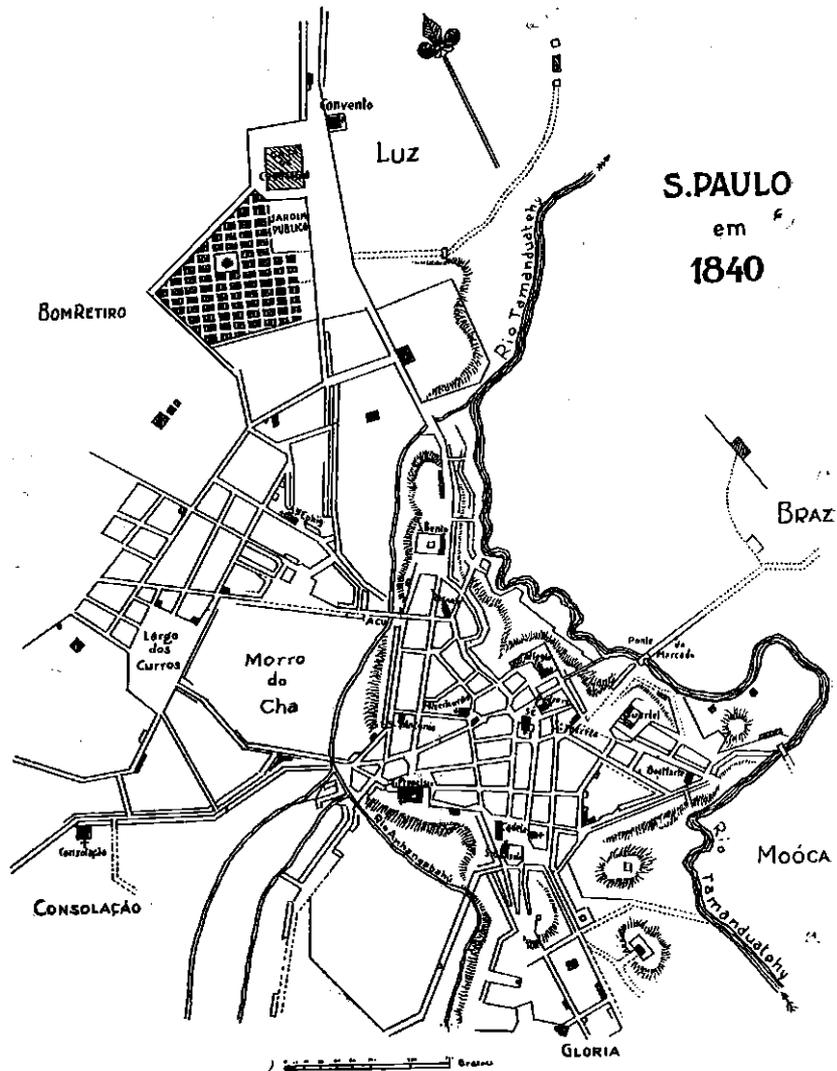
Pela primeira vez, em sua evolução urbana, a Capital paulista passou a conhecer uma espécie de *cosmopolitismo* brasileiro, que lhe serviu para cimentar seus sentimentos de Brasilidade, graças a êsse contato forçado e diuturno com irmãos oriundos dos mais diferentes rincões do país, que lhe trouxeram suas idéias, seus problemas e seus costumes. Uma vida de relações, até então desconhecida, que teve como outra consequência um conhecimento melhor e uma com-

(40) Sobre o assunto, consultar notadamente: NOGUEIRA, Almeida — *Tradições e Reminiscências da Academia de São Paulo*, 9 vols., São Paulo, 1907-12; VAMPRE, Spencer — *Memórias da Academia de São Paulo*, 2 vols., Livraria Saraiva, São Paulo, 1924; BRUNO, Ernani Silva — *Obra cit.*, vol. II; MORSE, Richard M. — *Raízes oitocentistas da Metrópole*, Anais do Museu Paulista, tomo XIV.

(41) LEITE, Aureliano — *Retratos a pena*, 2 vols., São Paulo, 1929-31.

(42) FREYRE, Gilberto — *Prefácio* à obra de Ernani S. Bruno, *cit.*, vol. I, pp. XIV-XV.

(43) FREYRE, Gilberto — *Op. loc. cit.*



A cidade de São Paulo ao iniciar-se a década de 1840.
(Reprodução de um desenho feito por Waldomiro Gonçalves)

preensão maior da gente paulista nas áreas em que, de retôrno, com o ambicionado diploma de bacharel nas mãos, foram fixar-se êsses irmãos de uma só Pátria. Representou a Academia de Direito de São Paulo, por isso mesmo, um fator não desprezível da unidade nacional.

Todavia, apesar de tôda essa verdadeira "revolução" sofrida pela vida urbana, São Paulo continuava a crescer no ritmo dos tempos coloniais.

O recenseamento realizado pelo Marechal DANIEL PEDRO MÜLLER (44), em 1836, registrou para o têrmo da cidade uma população pouco inferior a 22.000 habitantes, dos quais cêrca de 9.400 viviam nas freguesias da *Sé*, de *Santa Ifigênia* e do *Brás*, que, de certo modo, correspondiam à verdadeira cidade. Os restantes, equivalentes a 57%, espalhavam-se pelas outras freguesias do têrmo: Nossa Senhora do Ó, Penha de França, Conceição dos Guarulhos, São Bernardo, Juquerí, Cotia e M'Boi (Embú).

Dentro da área que estamos considerando como urbana, a freguesia da *Sé* era a mais populosa, concentrando 60% do total das três freguesias. Seguia-se-lhe a de *Santa Ifigênia*, com 32%, cabendo ao *Brás*, que no tempo apenas esboçava-se, apenas 8%.

Nessa mesma área, os *Branços* constituíam a maioria, com cêrca de 43%. Mas, a seu lado, dois outros elementos apareciam com destaque: os *Pretos*, introduzidos em número sempre crescente a partir do Bandeirismo, com 30%; e os *Pardos*, com 24%. Ficara para bem longe o tempo em que, pelas ruas da cidade, circulavam em considerável quantidade os *Índios* domesticados; seu número tornara-se, realmente, insignificante, em meados da primeira metade do século XIX.

Por essa época, duas ruas concentravam o comércio de mantimentos: a Rua da Quitanda, especializada em legumes, frutas e ovos; e a das Casinhas (hoje, do Tesouro), em farinha de mandioca, arroz, milho, toucinho e carne-sêca. A seu lado, existia uma pequena indústria, tipicamente artesanal, em que se destacavam pelo número os carpinteiros, sapateiros, ferreiros e alfaiates, aos quais se seguiam os oleiros, ourives e marceneiros. Entre as demais profissões registradas por DANIEL MÜLLER, a dos músicos era a mais numerosa, vindo depois os pintores, boticários, pedreiros e barbeiros (45).

Na área rural, existiam por êsse tempo 27 fazendas, das quais 24 dedicadas à criação (bovinos, eqüinos, muares, ovinos), além

(44) MÜLLER, Daniel Pedro — *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo* (1838), reedição literal, São Paulo, 1923.

(45) Cf. MÜLLER, Daniel P. — *Obra cit.*, pp. 137, 148-151, 169-172, 185-187 e 242.

de pequenos engenhos de aguardente. O chá via-se cultivado às portas da cidade, na chácara que se erguia na contra-vertente do Anhangabaú, na área que tem hoje por eixo a Rua Barão de Itapetininga; como também onde atualmente existe o Bairro do Anastácio, no então caminho para Jundiá. O termo municipal produzia ainda farinha de mandioca, algodão em rama e telhas, perfazendo o valor total de sua produção pouco mais de 100 contos de réis, o que o colocava no 15.º lugar dentro da Província, neste particular. (46)

Assim foi vivendo a cidade de São Paulo, sob a égide de sua Academia de Direito e na modéstia de suas funções urbanas, até findar-se a década de 1860-70. Ao visitá-la, em 1855, JAMES FLETCHER sentiu "o mais profundo respeito", porque nela "não se ouvia a palavra dinheiro constantemente soando aos ouvidos, como no Rio de Janeiro" e porque, com seus estudantes, evocava-lhe a lembrança de centros universitários, como os da Dinamarca, de Heidelberg ou de Harvard (47). AUGUSTO ZALUAR, percorrendo-a em 1861, não teve dúvidas em atribuir à Academia de Direito a vitalidade urbana: "Tirem a academia de São Paulo e êsse grande centro morrerá inanido. Sem lavoura e sem indústria montadas em grande escala, a capital da província, deixando de ser o que é, deixará de existir" — escreveu êle, em tom dogmático (48), prognosticando a mudança da capital para a cidade de Santos, assim que se fizesse a ligação ferroviária entre o Planalto e o litoral (49).

Não tardava, porém, que o grande "milagre" tivesse início. Por volta do ano de 1870, a Capital paulista como que virou uma página, no grande livro de sua evolução. Tinha atrás de si mais de três séculos de longa, acidentada, embora singularmente modesta História urbana; mesmo assim, iniciou outra, que ainda não tem cem anos, mas que se caracteriza por ser dinâmica, febril, espetacular. Varreu diante de si as barreiras do passado, saltando da colina histórica e espraiando-se pelas outras colinas da bacia sedimentar em que se aloja. Em ritmo crescente, viu aumentar sua população, tornada oito vêzes maior em menos de 30 anos, uma centena de vêzes mais numerosa em menos de um século. Sem qualquer menosprêzo por sua tradicional Academia de Direito, deixou de ser a "cidade de estudantes" para tornar-se

(46) Cf. MÜLLER, Daniel P. — Obra cit., pp. 124-129 e 130.

(47) KIDDER, Daniel P., (e) FLETCHER, James C. — *O Brasil e os Brasileiros*, II, p. 72, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.

(48) ZALUAR, Augusto E. — *Peregrinação pela Província de São Paulo*, p. 142, Ed. Cultura, São Paulo, 1943.

(49) ZALUAR, Augusto E. — Obra cit., p. 143.

IV. A METRÓPOLE DO CAFÉ

A década de 1870-80 representa um marco de suma importância na evolução histórica do Brasil: assistiu ao término da Guerra contra o Ditador do Paraguai (1870); conheceu a fase áurea do regime imperial, sob o ministério do Visconde do Rio Branco (1871-75); viu ser promulgada a Lei do Ventre-Livre (1871), passo decisivo para a abolição da escravatura; tomou conhecimento da fundação do Partido Republicano e do famoso Manifesto de Itú; assistiu à chegada, em número cada vez maior, dos imigrantes italianos e, com eles, ao início da imigração em massa; viu, com assombro, multiplicarem-se os cafezais e a assunção do café na liderança da economia nacional; empolgou-se com a mística das vias-férreas, cuja era se iniciava no país. Por isso mesmo, já os modernos historiadores não mais têm dúvida em considerá-la como o momento inicial de um dos períodos de nossa História — o do *progresso econômico* e da *consolidação democrática* (50).

Nessa mesma década e refletindo alguns dentre os acontecimentos apontados, iniciou também a cidade de São Paulo uma fase decisiva de sua evolução quadricentenária.

Foi no fim da década anterior, exatamente em 1868, que se inaugurou a primeira via-férrea paulista: passando por São Paulo, os trilhos do então *Estrada de Ferro Inglesa* uniram o porto de Santos a Jundiaí. Nesse mesmo ano, fundava-se a *Companhia Paulista de Estradas de Ferro*, que, em 1872, completou a ligação entre Jundiaí e Campinas, atingindo Rio Claro quatro anos mais tarde. Data de 1870 a fundação da *Companhia Ituana*, cujos trilhos uniram Itú a Jundiaí, em 1873. Num só e mesmo ano, três novas empresas ferroviárias vieram a organizar-se; de fato, tiveram origem 1872: a *Companhia de Estrada de Ferro Sorocabana*, que ligou São Paulo a Sorocaba, em 1875; a *Companhia Mogiana de Estradas de Ferro*, cujas linhas, partindo de Campinas, chegaram em 1875 a Mojí-Mirim e, em 1883, a Ribeirão Preto; e a *Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro*, núcleo paulista da futura "Central do Brasil", que, através do Vale do Paraíba, uniu São Paulo à atual Cachoeira Paulista, em 1877, facilitando a ligação com a cidade do Rio de Janeiro, através da *Estrada de Ferro Dom Pedro II*, que àquela mesma cidade chegara dois anos antes.

Ao findar o século XIX, dispunha o Estado de São Paulo de uma rede de 3.375 km de vias-férreas. Seu fulcro localizava-se na Capital paulista.

(50) Cf. LACOMBE, Américo Jacobina — *Brasil — Período Nacional*, Instituto Panamericano de Geografia e História, México, 1956.

De outra parte, o ano de 1872 pode se reconsiderado o momento inicial da grande *imigração européia* para o Brasil, em particular para São Paulo: ao passo que, nos 21 anos anteriores, o país recebera 214 mil imigrantes, nesse período, que pode ser denominado de *italo-eslavo* e estende-se até 1886, entraram 357.000 imigrantes. Apenas em dois anos (1871-72), contratos foram assinados para a recepção de mais de 300.000 italianos. Todavia, foi a partir de 1887 que as cifras passaram a atestar o enorme afluxo de imigrantes europeus, dando início ao período *italiano*. Na última década do século XIX, o Estado de São Paulo recebeu, em média, cada ano, cerca de 40 mil italianos; em 1895, viu passar pelo pôrto de Santos 106.500 peninsulares. Eram braços canalizados para a lavoura, mas que acabaram por refluir para a Capital, onde se dedicaram ao artesanato e à indústria. Ao retornar a São Paulo, após longos anos de ausência, ALFREDO MOREIRA PINTO, em 1900, surpreendeu-se por encontrar uma *cidade de italianos...* (51)

Sabido é que êsses dois fenômenos concomitantes — a expansão ferroviária e o afluxo de imigrantes europeus — constituíam a consequência de um único fator: a *expansão do café* em terras do Planalto Sedimentar paulista. Não cabe, aqui, acompanhar a marcha do café, que SÉRGIO MILLIET tão bem estudou e comprovou com cifras (52). Limitar-me-ei a lembrar que, já em 1874, CHARLES D'URSEL, ao visitar a cidade, notou que duas forças a animavam: a Academia de Direito e o comércio do café (53). Na verdade, a Capital paulista transformou-se na *metrópole do café*, segundo ERNANI SILVA BRUNO (54) ou na *capital dos fazendeiros*, como prefere PIERRE MONBEIG (55). É que a riqueza retirada dos cafezais passou a ser aplicada na cidade, que se tornara o maior *centro comercial* da Província e, depois, do Estado, graças à sua excepcional posição geográfica e ao seu papel de nó de comunicações, ponto de parada obrigatório na ligação entre o Litoral e o Planalto. Através dela escoava-se tudo quanto era destinado à exportação, como por ela passava tudo quanto a importação fornecia para o interior. Além disso, a poderosa classe dos fazendeiros, enriquecidos com o café, tinha necessidade de passar muito tempo na Capital, acertando seus negócios, administrando as empresas que haviam criado, frequentando as repartições públicas. Em consequência, inverteu-se a situação reinante desde o Bandeirismo: a casa urbana passou a

(51) PINTO, Alfredo Moreira — *A Cidade de São Paulo em 1900*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1900.

(52) MILLIET, Sérgio — *Roteiro do Café e outros ensaios*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.

(53) D'URSEL, Charles — *Sud-Amérique*, p. 20, Plon, Paris, 1880.

(54) BRUNO, Ernani Silva — *Obra cit.*, vol. III.

(55) MONBEIG, Pierre — *Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo*. Boletim Paulista de Geografia, n.º 16, São Paulo, 1954; e *La croissance de la Ville de São Paulo*, Revue de Géographie Alpine, Grenoble, 1953.

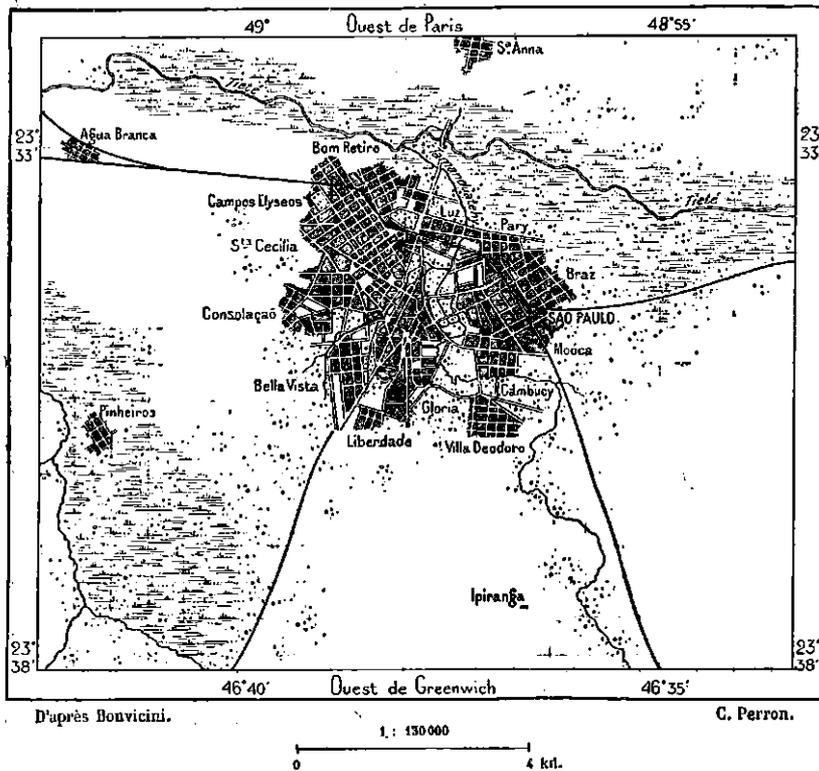
merecer os maiores cuidados, oferecia um conforto que a casa da fazenda não podia possuir, quando não simbolizava a riqueza de seu dono, ostentada nos requintes de sua arquitetura. A êste propósito, muito valioso é o depoimento de veneranda senhora, paulistana de nascimento e que bem conheceu a cidade exatamente nesse período — Dona MARIA PAES DE BARROS, autora do livro “No tempo de Dantes” (Ed. Brasiliense, São Paulo, 1946).

O “Almanaque da Província de São Paulo”, referente ao ano de 1883 e organizado por FRANCISCO INÁCIO DE ASSIS MOURA, constituiu outro documento precioso para se avaliar as *funções urbanas* (56). Ao compulsá-lo, sentimos a importância da vida comercial, representada por 637 estabelecimentos de comércio varejista e 130 casas atacadistas, aos quais podemos acrescentar sete estabelecimentos bancários e quatro companhias de seguro. A indústria não ocupava, ainda, lugar de destaque, embora fossem muito numerosas as pequenas fábricas e as oficinas; predominavam as de vestuário, mobiliário, alimentação e bebidas — o que nos dá uma idéia exata de sua modéstia. Entre as profissões liberais, duas se destacavam pelo número, a simbolizar a dupla função da cidade: a dos advogados e a dos guarda-livros; vinham, depois, os empreiteiros de obras (o que, também, é bastante significativo), os médicos e cirurgiões, os barbeiros e cabeleireiros, os professores de música e outras menores.

O censo nacional de 1872 consignou, para a área municipal uma *população* de apenas 31.000 habitantes. Retratou, assim, a fase de transição entre a “cidade de estudantes” e a “metrópole do café”. A Capital paulista ocupava, então, o modesto 10.^o lugar entre as mais populosas cidades do país. Mas o recenseamento de 1890 já lhe deu 65.000, colocando-a em quarto lugar, somente ultrapassada pelo Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Ao findar o século, porém, alcançou o segundo posto, com 240 mil, superada apenas pela então Capital da República.

Espelhando muito bem essa fase de transição, teve início a *expansão urbana*. Na primeira metade da década de 70, continuava a colina histórica a conter praticamente a verdadeira cidade, se bem que novos loteamentos tivessem sido abertos para os lados da Consolação, de Santa Ifigênciã (a chamada “Cidade Nova”) e o Brás. À pouco e pouco, no entanto, as numerosas *chácaras* que rodeavam o centro urbano passaram a ser arruadas: a do Chá, até o atual Largo do Arouche; a das Palmeiras, dando lugar ao bairro de Santa

(56) MOURA, Francisco Inácio Xavier de Assis — *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*, Jorge Seckler & Cia., São Paulo, 1883.



A cidade de São Paulo ao iniciar-se a década de 1890.

(Da "Nouvelle Géographie. Universelle", de E'LISÉE RECLUS, vol. XIX, 1894).

Cecília; a do Campo Redondo, transformando-se nos *Campos Elísios*; e, assim, foram surgindo outros bairros: *Barra Funda*, *Bom Retiro*, *Liberdade*, *Bela Vista*, *Vila Buarque*. Simultaneamente, teve início a melhor caracterização dessas diferentes parcelas da cidade: o comércio, os bancos e as pequenas oficinas passaram a dominar na *área central*, fazendo deslocar dali as residências dos homens abastados e da classe média; nas terras baixas do Tamanduateí, junto às estações ferroviárias e ao longo das vias-férreas instalaram-se o primeiros *bairros operários*, fazendo com que o Brás viesse a se tornar o mais populoso distrito urbano; no rumo geral de Oeste, surgiram *bairros residenciais finos*, particularmente o de Campos Elísios, durante muitos anos preferido para residência da nova aristocracia do café, que ali fez erguer luxuosos palacetes; ao longo das

vias de saída, em ritmo menos acelerado, formaram-se *bairros residenciais mistos*, como Cambucí, Vila Deodoro, Liberdade, Vila Mariana, Paraíso e Avenida Paulista.

Ao findar o século XIX, o espigão-divisor Tietê-Pinheiros fôra alcançado pelo casario urbano. Em alguns pontos, essa expansão atingiu um raio de 2,5 km da Praça da Sé, quando se limitara a ficar, por três longos séculos, em apenas um quilômetro.

A partir da presidência do Dr. João Teodoro Xavier (1872-75), a Capital paulista passou a conhecer grandes *melhoramentos urbanos*: instalaram-se algumas fábricas, abriram-se novas ruas, foram melhorados os edifícios públicos. "Uma febre de progresso rápido, constante e seguro" apoderou-se dos paulistanos (57), justificando a classificação de "segunda fundação da cidade", dada à época por SIMÕES DE PAULA (58). Instalou-se o serviço de bondes de burros (1872), inicialmente ligando o centro às estações ferroviárias, mas, depois, passando a servir os diferentes bairros. Em 1883, foi inaugurada a linha férrea que unia a cidade a Santo Amaro. Em 1892, foi entregue ao público o Viaduto do Chá. Melhorias no serviço de águas e esgotos, reconstrução de pontes, aterramentos, saneamento, iluminação a gás e a querosene constituíram outros melhoramentos públicos. Tomada pelo mesmo entusiasmo renovador, passou a colaborar nessa obra a iniciativa privada: foi então que se completou a transformação da fisionomia urbana, com o aparecimento de uma nova arquitetura, que denotava principalmente a influência do estilo italiano (59).

Era assim a cidade de São Paulo ao iniciar-se o século XX, já considerada a segunda cidade e "uma das mais belas do Brasil" (60). Distantes 3, 4 e mais quilômetros dos limites urbanos, erguiam-se os seus *subúrbios*: Santana, Penha, Ipiranga, Pinheiros, Água Branca (61). Mas tudo isso significava, apenas, o começo de seu crescimento e de sua espetacular ascensão no panorama urbano brasileiro, que os derradeiros 60 anos assistiram, com admiração e perplexidade. Continuou, por algum tempo mais, a ser a "metrópole do café". Mas não tardou que se transformasse no que é hoje: o maior centro industrial do país e do continente sul-americano.

(57) EGAS, Eugênio — *Os Municípios Paulistas*, I, p. 469, São Paulo, 1923.

(58) PAULA, E. Simões de — *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*, Folha da Manhã, São Paulo, 25 de janeiro de 1936, e Revista de História, São Paulo, 1954.

(59) Cf. DEBENEDETTI, E. (c) SALMONI, A. — *Architettura Italiana a San Paolo*, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953; e BRUNO, Ernani S. — *Obra cit.*, vol. III.

(60) LEVASSEUR, E. — *Le Brésil*, p. 42, H. Lamirault & Cia., Paris, 1889.

(61) RECLUS, Élisée — *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. XIX, p. 371, Livraria Hachette, Paris, 1894.

V. A METRÓPOLE INDUSTRIAL

Sem falar em duas modestas iniciativas registradas na década de 1810-20, de duração muito efêmera, a primeira fábrica paulistana foi instalada exatamente quando São Paulo passava a ser a "Capital dos fazendeiros". Data de 1872, com efeito, a fábrica de tecidos de Diogo Antônio de Barros, construída à Rua Florêncio de Abreu. A seu lado, poucas outras apareceram, continuando o predomínio das pequenas oficinas e do artesanato urbano. Ao iniciar-se o século XX, porém, o total já era de 92 fábricas, das quais nada menos que 60 haviam se instalado na década de 1890-1900 (62).

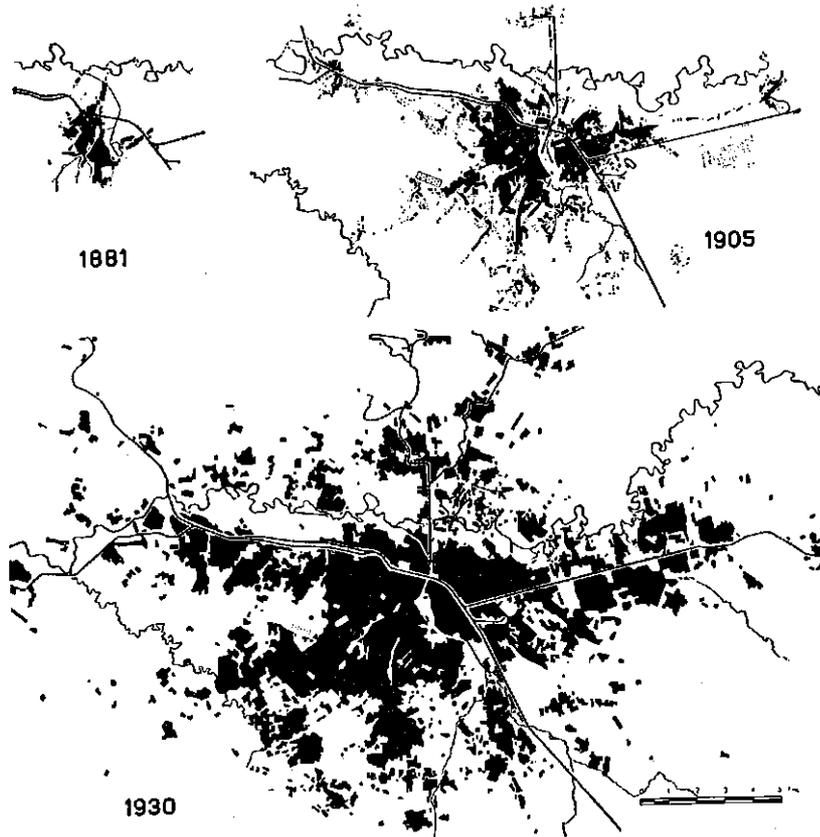
A partir de 1930, as estatísticas passaram a registrar verdadeiros saltos: 1918 — pouco menos de 2.000 estabelecimentos fabrís; 1932 — cêrca de 2.100; 1947 — 12.000; 1950 — 20.000.

Muitos fatores contribuíram para o aparecimento dessa nova função urbana — a *função industrial*. Uns podem ser considerados remotos ou indiretos: 1. a expansão da lavoura do café, de que resultaram a formação da rêde ferroviária centralizada na Capital, a construção do pôrto de Santos (1892), o enriquecimento da população e consequente elevação do padrão de vida; 2. a contribuição do imigrante europeu, através de sua técnica, de suas necessidades e, particularmente, de suas iniciativas (simbolizadas num Antônio Pereira Ignácio, num Francisco Matarazzo, nos irmãos Jafet); 3. o desenvolvimento da lavoura algodoeira, sobretudo entre 1860 e 1880; 4. o proteccionismo alfandegário; 5. as duas Guerras Mundiais; 6. as crises econômicas, em especial a de 1929. Outros fatores podem ser considerados próximos ou diretos: 1. a facilidade de obtenção de energia elétrica; 2. a existência de um mercado consumidor interno, tornado cada vez maior em consequência do crescimento da população da cidade e do Estado; 3. o afluxo de capitais, estrangeiros e nacionais; 4. a facilidade de mão-de-obra, a princípio derivada da imigração, em seguida da crise do café, mais tarde do ininterrupto êxodo rural, dentro do Estado ou fora dêle; 5. a existência de um mercado fornecedor de matérias-primas, localizado no próprio Estado, em outras regiões brasileiras e no estrangeiro. (63)

Em consequência, surgiu e fortaleceu-se o *parque industrial paulistano*, que não se restringe aos limites municipais, pois engloba

(62) Cf. BANDEIRA JÚNIOR, Antônio Francisco — *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, Tip. do Diário Oficial, São Paulo, 1901.

(63) Sôbre o assunto, consultar: PETRONE, Pasquale — *As indústrias paulistas e os fatores de sua expansão*, Boletim Paulista de Geografia, n.º 14, São Paulo, julho de 1953; LIMA, Heitor Ferreira — *Evolução industrial de São Paulo*, Livraria Martins, São Paulo, 1954; e MONBEIG, Pierre — *La croissance de la Ville de São Paulo*, Revue de Géographie Alpine, Grenoble, 1953.



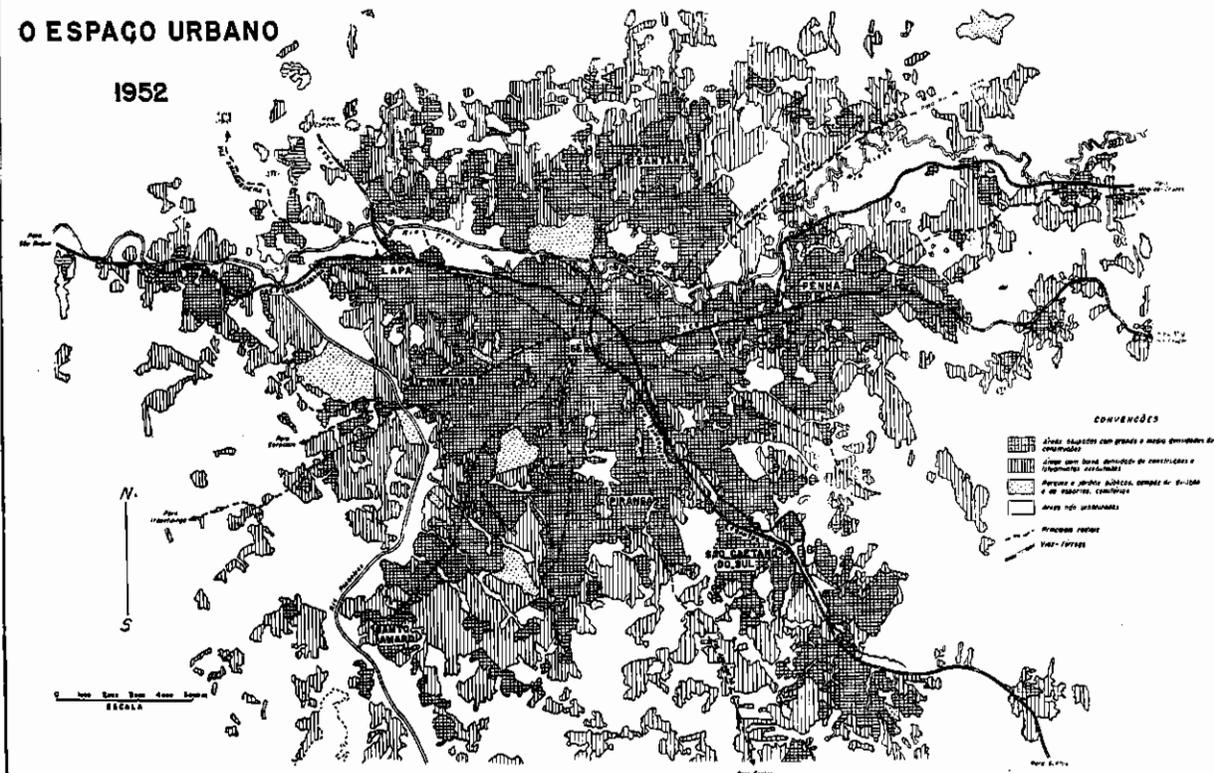
Cinquenta anos de evolução urbana da cidade de São Paulo

(De "Sviluppo e problemi di San Paolo", 1951, de CARLOS LODI).

os municípios vizinhos da região do A.B.C. (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul), de Guarulhos e de Osasco. Diversificaram-se as indústrias: têxteis, metalúrgicas e mecânicas, automobilística, produtos alimentícios, minerais não-metálicos, madeiras e produtos afins, vestuários, calçados e artefatos de tecidos, químicas e farmacêuticas — para apenas citar as mais representativas. E a fisionomia da cidade, uma vez mais, se transformou; ao longo das vias-férreas e em terrenos de várzea, como, a partir de época mais recente, ao longo das grandes rodovias que se entrecruzam na Capital, elevaram-se as grandes construções fabris; multiplicaram-se os bairros mistos, industriais e residenciais, como as

CIDADE DE SÃO PAULO
O ESPAÇO URBANO

1952



Mapa baseado no levantamento aero-fotográfico executado pela "Cruzeiro do Sul S.A." no dia 15 de novembro de 1952, na escala de 1:25.000.

O espaço urbano da cidade de São Paulo em 1952.
(De "A Cidade de São Paulo", vol. II, 1958).

vilas operárias, sobretudo na periferia; proliferaram os “cortiços” e as “favelas”, no meio de bairros de classe média como na zona das várzeas.

Fortalecida por essa industrialização, robustecida em sua função comercial pelo incessante progresso econômico do Estado, tendo assegurado em definitivo sua posição de maior centro cultural do país, a Capital paulista passou a orgulhar-se por ser uma das cidades que mais crescem no Mundo. Com 580.000 habitantes em 1920, pulou para mais de um milhão em 1934, para 2.200.000 em 1950, sempre no segundo lugar, que assegurou a partir de 1900, até que, exatamente no ano de seu quarto centenário, tornou-se trimilionária e assumiu a vanguarda das cidades brasileiras. Deixou de ser uma “cidade de italianos” para se transformar numa grande encruzilhada do Brasil e do Mundo: a segunda cidade mineira e baiana do país, um microcosmo contendo mais de 80 nacionalidades diferentes. Deixou de ser a cidade acachapada dos idos de 1920, quando possuía 70% de edifícios térreos, para tornar-se a cidade dos arranha-céus, com uma “sky-line” que se alteia, em impressionante perfil, por mais de 5 km, estendendo-se desde o Brás até Higienópolis, de Santa Ifigênia até à Avenida Paulista. A partir daquela mesma época, foi substituindo aos poucos seus românticos lampiões a gás, para iluminar-se com a luz elétrica. Deixou de ser a cidade que se movia pela tração animal, como era na década de 1920 (quando mais da metade dos veículos urbanos eram assim transportados), para se transformar na Babel de veículos motorizados, que hoje conhecemos e em que nos confundimos. Sofreu transformações urbanísticas radicais, logo ao iniciar-se o século XX, sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, como também, 30 anos mais tarde, sob a administração de Francisco Prestes Maia. Viu ampliar-se substancialmente sua área central, que passou a possuir dois Centros bem distintos — o Velho e o Novo, estendendo seus tentáculos para além do Largo do Arouche. Assistiu à grandeza e à decadência de muitos bairros — Santa Ifigênia, Campos Elísios, Vila Buarque, como às impressionantes mutações, que nossos olhos podem presenciar, ocorridas em Higienópolis e na Avenida Paulista, onde as mansões senhoriais da gente enriquecida pelo café ou pelo comércio e a indústria cedem lugar aos majestosos edifícios de apartamentos. E, sobretudo, viu brotar e expandir-se como cogumelos os aristocráticos bairros-jardins, com suas largas ruas arborizadas e sinuosas, onde a riqueza se exhibe na beleza arquitetônica das residências ajardinadas; da mesma forma que as “vilas” padronizadas, monotonamente iguais, da classe média e modesta, que a onda de loteamentos desregrados fez surgir, notadamente na periferia urbana.

São Paulo, que no comêço do século já fôra considerada a "capital econômica do Brasil" (64), uma "grande cidade de negócios" (65) e "capital artística" do país (66), a partir do segundo quartel da atual centúria mereceu muitos outros epítetos, dados por observadores insuspeitos: "capital industrial do Brasil" (67), "capital do progresso" (68), "cidade dinâmica" (69), "Capital do capital" (70), Chicago sul-americana (71).

Em menos de setenta anos, cresceu em riqueza, cresceu em população, cresceu para o alto e, sobretudo, cresceu em *área*, a princípio em forma tentacular, mas, hoje, como se fôra uma nebulosa imensa, que pouco a pouco se entumece e se amplia. Arrastou para o torvelinho da vida urbana os subúrbios isolados da década de 1890: Nossa Senhora do Ó, Santana, Penha, Ipiranga, Santo Amaro, Pinheiros, Água Branca e Lapa. Em muitos pontos, sua *área suburbana* avança num raio superior a 30 km em relação ao centro da cidade: na direção de Leste, estende-se até Arujá, Itaquaquecetuba e Poá, ameaçando penetrar nos domínios de Moji das Cruzes; para Oeste, ultrapassou Osasco, atingiu Barueri e encaminha-se para Caieiras, através de Pirituba e Perús; no rumo Norte, o escarpamento da Cantareira condena êsse avanço às alturas de Tremembé, mas não impediu que se ampliasse até Vila Galvão e Guarulhos; no quadrante Sul, já vai além da região do A.B.C., alcançando Mauá e Ribeirão Pires, a Sudoeste, e encaminha-se decididamente para Cotia e Itapeverica da Serra, a Sudoeste.

Eis o *Grande São Paulo* que nossos olhos podem contemplar, obra de umas poucas dezenas de anos, de sucessivas conurbações, de verdadeiras "capturas" urbanas, aglomerado humano de quase 5 milhões de almas.

VI. A METRÓPOLE REGIONAL

No entanto, a influência da Capital paulista faz-se sentir bem mais longe ainda. Alcança o litoral do Atlântico, onde se localiza

- (64) BERNÁRDEZ, Manuel — *El Brasil*, Ortega e Radaelli, Buenos Aires, 1908.
 (65) DENIS, Pierre — *Le Brésil au XXe. siècle*, Armand Colin, Paris, 1911.
 (66) CAPRI, Roberto — *São Paulo, a Capital Artística, na comemoração do Centenário*, São Paulo, 1922.
 (67) VALLOYON, Henry — *Brésil, terre d'amour et de beauté*, Payot, Lausanne, 1945.
 (68) FIGUEIREDO, Lima — *Cidades e Sertões*, Biblioteca Militar, Rio de Janeiro, 1941.
 (69) HUNNICUTT, Benjamim H. — *Brazil looks forward*, I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1945.
 (70) KELSEY, Vera — *Seven keys to Brazil*, Funk & Wagnalls, Nova York, 1940.
 (71) BROWN, Harriett McCune (e) BAILEY, Helen Miler — *Our Latin American Neighbors*, Houghton Mifflin, Boston, 1944.

Para tão vasta, rica e populosa área do país, a cidade de Anchieta é a verdadeira *metrópole regional*, a metrópole no sentido etimológico da palavra — a “cidade-mãe”, a Capital de fato, embora não de direito.

* * *

Ao atentar para os laços econômicos e humanos, mantidos através das modernas rodovias, e que se estreitam, dia a dia; ao pretender dar o devido valor ao desfilar contínuo de caminhões de carga e de ônibus para passageiros, que, em tôdas as horas do dia, percorrem as rodovias Presidente Dutra, Fernão Dias, Anhangüera e Raposo Tavares, com destino aos mais afastados rincões do Nordeste, ao Oeste de Minas Gerais, a Brasília e ao extremo Sul, ou dessas áreas procedem — juízo-me com o direito de perguntar:

— Não estará a cidade de São Paulo, na alvorada desta segunda metade do século XX, reproduzindo, sem o desejar e por outros meios, de maneira bem menos rude e muito mais estável, a epopéia imortal de seus maiores do seiscentismo?...

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Além das obras citadas, foram largamente aproveitadas, para a elaboração do presente trabalho, as magníficas sínteses de autoria de RAUL DE ANDRADA E SILVA, ODILON NOGUEIRA DE MATOS, PASQUALE PETRONE, J. R. DE ARAÚJO FILHO e DIRCEU LINO DE MATTOS, que figuram na obra *A Cidade de São Paulo — Estudos de geografia urbana*, organizada sob os auspícios da Associação dos Geógrafos Brasileiros e publicada pela Companhia Editora Nacional (São Paulo, 1958).